

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA / CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
ÁREA: HISTÓRIA DO CAMPO E DA CIDADE**

HISTÓRIA DA TELEFONIA EM NATAL (1939 - 1950)

INÁCIA ARAÚJO DA SILVA

**NATAL/RN
2004**

INÁCIA ARAÚJO DA SILVA

HISTÓRIA DA TELEFONIA EM NATAL (1939 - 1950)

Monografia apresentada como requisito para obtenção do grau de especialista em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.

Orientador: Prof. Dr. Helder do Nascimento Viana

NATAL/RN
2004

AGRADECIMENTOS

Deus, o meu agradecimento. Sem a presença do senhor em vida, nada teria sido possível.

Neste momento especial, agradeço aos meus filhos Thieza Graziella e João Pedro, razão da minha motivação e estímulo pelos estudos.

A todos os professores que ministraram as disciplinas desse Curso de Especialização, dos quais recebi valiosas contribuições que levarei na trajetória de vida, particular ou profissional.

Ao professor Helder Viana, pela sua valiosa orientação, paciência e carinho durante o desenvolvimento deste trabalho.

As amigas Lúcia de Fátima e Cristina, por todas as colaborações, dispensadas nessa últimas semanas, especialmente pelas leituras, correções e inclusive com o envio de material que tratava do tema.

As colegas Eva e Iris e Ana Lêda, pelas valiosas palavras de incentivo e motivação.

Agradeço a Guilherme, por todo apoio, incentivo, carinho, companheirismo, com os quais mantive a minha tranquilidade e equilíbrio emocional, para conclusão deste trabalho.

A minha gratidão aos vários autores que escreveram sobre a temática pesquisada.

As colegas Ana Lêda, Eva e Iris, pelas palavras de apoio e colaboração no decorrer do curso, e em alguns momentos de dificuldades com algumas disciplinas.

Ao professor Fred Sizenando Rossiter Pinheiro, por ter se colocado a minha disposição, doando um relatório sobre a história da telefonia no Rio Grande do

Norte, documento esse, que me motivou continuar a acreditando que seria possível juntar os dados necessários para desenvolver este trabalho.

Ao jornalista Anchieta Fernandes do Jornal A República, pelas sugestões de nomes de pessoas conhecedoras e participantes diretos do tema, pelos dados pesquisados no arquivo do Jornal e arquivo particular, pela atenção e o carinho dispensados, colaboração fundamental no início deste trabalho.

Ao Sr. Luiz G. M. Bezerra, pelos importantes relatos, sobre a telefonia no Estado, pelas bibliografias emprestadas, levantamento de material que descrevem as etapas de alguns importantes fatos sobre o tema.

Por fim, a todos que direta ou indiretamente, contribuíram com o desenvolvimento deste trabalho.

RESUMO

O trabalho representa um estudo da telefonia em Natal no período de 1939-1950. Um pequeno histórico do serviço da telefonia no mundo, no Brasil e em Natal. Trata da implantação do serviço de telefonia no Município em 1911, da substituição do sistema à manivela pelo automatizado e as transformações causadas com a mudança, fato ocorrido em 1943, época da Segunda Guerra Mundial; Mostra o avanço da telefonia com a implantação das Aérea e Naval a serviço da guerra; Mostra ainda, as diferenças entre o serviço realizado pelo sistema manual e o automatizado. Na parte final do trabalho mostra o desmonte da guerra e a continuidade do telefone em Natal.

Palavras -chave: telefonia, Segunda Guerra Mundial, expansão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 OS PRIMEIROS PASSOS DA TELEFONIA EM NATAL (1911– 1942):	
ELITISMO E EFICIÊNCIA	10
1.1 Breve relato da difusão da telefonia.....	10
1.2 A chegada do telefone no Brasil.....	13
1.3 A chegada do telefone em Natal.....	16
CAPÍTULO 2 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E AS TRANSFORMAÇÕES NA	
TELEFONIA EM NATAL.....	23
2.1 A segunda Guerra Mundial e as transformações na cidade do Natal....	23
2.2 As transformações na comunicação em Natal e o sistema de telefonia automatizada.....	29
CAPÍTULO 3 DESMONTE E ESTAGNAÇÃO DA TELEFONIA EM NATAL: O PÓS-	
GUERRA.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
BIBLIOGRAFIA.....	45

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a analisar a importância da expansão da telefonia em Natal, capital do Rio Grande do Norte, no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), ocorrida através de um novo sistema telefônico automatizado, implantado mais precisamente a partir 1943, bem como identificar as diferenças existentes entre o novo sistema e o sistema anterior baseado à manivela, em funcionamento no município desde 1911.

Nesta perspectiva, analisaremos também as razões pelas quais esse processo de expansão da telefonia teve início durante a Segunda Guerra Mundial, originando, a partir de então, duas fases de implantação, sendo a primeira caracterizada pela estratégia de atender as necessidades da guerra e a segunda, por um certo planejamento com a finalidade de atender as necessidades civis.

A implantação do sistema telefônico automatizado, com o objetivo de melhorar a qualidade da comunicação da base aérea norte-americana na região de Parnamirim, Rio Grande do Norte¹, despertou o interesse de parcela da população local em adquirir linhas telefônicas automatizadas, com vistas a facilitar a comunicação nos diversos segmentos administrativos (comercial e social), até então restrita, devido a precariedade do serviço telefônico à manivela, realizado através do auxílio da telefonista. Um outro aspecto a ser abordado é a adoção de tecnologias em áreas de conflito militar, principalmente, a forma como essa implantação ocorreu em Natal.

Desse modo, pretende-se observar o processo de implantação de tecnologias, como a difusão de aeronaves, do telégrafo e do telefone, e a sua

¹ Parnamirim, no período da Segunda Guerra Mundial era um território pertencente a Natal, teve sua emancipação política após esse período, em 17 de dezembro de 1958.

importância na expansão econômica, social e cultural do município. Vale salientar que antes da Segunda Guerra Mundial, Natal se caracterizava como uma cidade provinciana, de desenvolvimento lento, à exemplo das cidades do Nordeste do Brasil e que, com o início do conflito mundial, passa a ser escala obrigatória de hidroaviões e material bélico, através da implantação das Bases Aérea e Naval, comportando serviços e tecnologias de última geração.

O presente trabalho está desenvolvido em três capítulos principais. No primeiro capítulo caracterizamos o surgimento da telefonia em Natal, no ano de 1911 até o início da Segunda Guerra Mundial, procuraremos fazer um breve histórico da chegada do telefone no Brasil, e a implantação dos primeiros telefones no país, a fim de compreender como chegaram, quem os trouxeram e qual a sua abrangência no meio social. Inicialmente, o sistema telefônico estava ligado ao poder público no âmbito federal, estadual e municipal e às elites econômicas e políticas. A precariedade desse serviço, usando o sistema à manivela desde a implantação passou a ser modificado no país a partir de 1922.

No segundo capítulo, buscamos analisar as transformações do serviço de telefonia ocorridas em Natal com o advento da Segunda Guerra Mundial, observando a importância dessas transformações para o desenvolvimento da cidade, nas esferas econômica, social e cultural.

Por fim, no terceiro capítulo, analisaremos as consequências para o serviço da telefonia automatizada, com o desmonte da infra-estrutura de guerra, a estagnação causada na cidade com o término do conflito mundial. Também será demonstrado nesse capítulo, a falta de preservação da memória de fatos relevantes para a nossa história, a fragilidade da Companhia Força e Luz do Nordeste do Brasil e a continuidade do telefone em Natal.

CAPÍTULO 1

OS PRIMEIROS PASSOS DA TELEFONIA EM NATAL (1911 – 1942): ELITISMO E INEFICIÊNCIA

1.1 Breve relato da difusão da telefonia

A comunicação atual, de uma forma geral, tem uma importância notável para o desenvolvimento gradual das condições econômicas e culturais da humanidade, assim como a energia elétrica e os meios de transportes.

A comunicação a longa distância, inventada com base na energia elétrica, teve um papel fundamental no desenvolvimento das sociedades e nas trocas econômicas. O telégrafo, possibilitou, através de fios e uma linguagem codificada – código Morse², a implantação e a expansão dos primeiros telefones. Para a emissão e recepção desse meio de comunicação, usava-se cabos submarinos³. O invento do telégrafo ocorreu no ano de 1830. A comunicação codificada usada na telegrafia, esteve em uso por várias décadas, dando lugar ao telefone, inventado em 1876, por Alexander Graham Bell.

Por volta de 10 de março de 1876, há pouco mais de um século, o professor de surdo escocês, radicalizado americano, Graham Bell, conseguiu pela primeira vez transmitir a voz humana através de “um par de fios”. Depois desta etapa do invento, Graham Bell dedicou-se na construção do primeiro modelo de telefone. O aparelho era rudimentar e transportava sons de voz e não propriamente palavras. A partir

² O Código Morse foi inventado em 1837, por Samuel F.B. Morse (EUA), para enviar mensagem através do aparelho telegráfico a longa distância.

³ Os cabos submarinos eram colocados no fundo do mar, protegidos por uma camada de chumbo de aproximadamente 20cm de espessura, para proteger contra a corrosão, causada pela maresia.

desse importante evento, foi desenvolvido o complexo sistema telefônico existente hoje em todo o mundo.

A “idéia de um telefone falante⁴, ou seja, a razão do existir desse sistema era prestar serviços vitais, principalmente em casos de emergência, por se tratar de um meio de comunicação rápido, já que uma comunicação pelos meios usados na época, era considerada muito precária⁵, visto que os serviços eram muito lentos e de pouca eficiência.

O professor Graham Bell trabalhou meses para concluir o invento do telefone. A teoria que tinha em mente, para desenvolver o telefone, era usar o aparelho de telégrafo para poder falar. Essa idéia não prosperou, mas levou-o ao caminho do telefone falante. Certo dia, quando Graham Bell estava com um transmissor pronto para ser testado, ele combinou com o seu auxiliar, o mecânico Watson, para ele descer para o quarto do andar da frente, no nº 5 da Praça Exeter, em Boston, para ouvir o resultado com o receptor telefônico. “No momento em que Bell estava pronto para falar do novo instrumento, um movimento de seu braço derrubou em suas roupas uma bateria de água acidulada⁶”. O susto do acidente, levou Graham Bell a gritar pelo Sr. Watson pedindo ajuda. Essa situação veio a coroar o objetivo inicial do telefônico: atender emergências.

O significado da primeira fala captada num grande bocal e ouvida através de um receptor, foi um pedido de ajuda. Após o sucesso da experiência, Graham Bell partiu para a sua primeira apresentação pública do telefone. O corrido foi ainda em 1876, durante a Exposição Universal, comemoração ao Centenário da Independência dos Estados Unidos da América, na Filadélfia.

⁴ BOLGER, Thomas E. **O telefone: ontem, hoje e amanhã**. Brasília: Ed. TELEBRÁS, 1979. p.2.

⁵ O telégrafo era o meio de comunicação mais rápido na época.

⁶ DEBUTTS, John D. **O telefone: ontem, hoje e amanhã**. Brasília: Ed. TELEBRÁS, 1979. p.2.

Em 1877, Graham Bell criou uma companhia privada *Bell Telephone Co.*, juntamente com *Western Union Telegraph Co.*, maior empresa que operava o serviço de telégrafo no mundo, para expandir o seu invento, através de um grande sistema telefônico que iria servir a “casas, escritórios e lugares de trabalho⁷”. Ainda nesse mesmo ano, nos Estados Unidos da América já haviam sido instalados 1.300 telefones, nos diversos segmentos públicos e privados.

Em 1880, o sistema telefônico iniciava uma das fases de colaboração para progresso da humanidade, favorecia a transferência de empresas e escritórios dos grandes centros comerciais para locais mais baratos e cômodos. Esse fato contribuiu para o crescimento comercial de forma segura e acessível. Antes do telefone, as empresas eram obrigadas a se estabelecerem em locais centrais, em um quarteirão (em um bairro comercial), onde as pessoas pudessem percorrer a pé.

Dois anos após o invento do telefone, Graham Bell desejava “tornar possível uma comunicação direta em todas as casas, escritórios e fábricas, com o auxílio de uma central⁸”. Em carta para inventores britânicos ele revelava o seu desejo de tornar a comunicação telefônica semelhante a distribuição de água e gás, que eram distribuídos na época através de encanamento nas cidades.

Com a propagação dos feitos realizados pelo telefone nas cidades americanas, observou-se que ele se expandiu, e em 25 de janeiro de 1915, a transmissão oficial da voz por telefone foi feita pela primeira vez, do Atlântico ao Pacífico, de um continente a outro, na uma distância de 3.600 milhas da Costa do

⁷ BRIGGS, Asa e BURKER, Peter. **Uma história social da mídia: Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2004, p.152.

⁸ POOL, Ithiel de Sola. **Os efeitos sociais do Telefone**. In: CLARKE, Arthur C.; DERTOUZOS, Michael L.; HALLE, Morris.; POOL, Ithiel de Sola.; WIESNER, Jerome B. **O telefone: ontem, hoje e amanhã**. Brasília: TELEBRÁS. 1979, p.19.

Pacífico⁹, mais precisamente da Casa Branca em Washington a São Francisco. Após essa passagem, o telefone de Graham Bell ganhou o mundo gradativamente.

1.2 A chegada do telefone no Brasil

No Brasil, pode-se afirmar que, graças a Visconde de Mauá, teve-se acesso mais facilmente a comunicação telefônica. Numa tentativa de comunicar-se com o exterior – principalmente Lisboa – Mauá projetou a colocação de um cabo submarino, em 1872¹⁰, que lançaria um cabo de telégrafo, dando origem a uma ligação do Brasil à Europa, partindo de Recife à Lisboa, via Ilhas da Madeira e de Cabo Verde.

Esses cabos submarinos, idealizados para a comunicação do telegrafo, deram origem a nova comunicação. Os referidos cabos, assim como favoreceu as instalações e a manutenção do telefone, também foram os responsáveis pelo elevado custo desse serviço. Esse fato muito contribuiu para a lenta disseminação do serviço telefônico no Brasil.

As primeiras linhas telefônicas que foram instaladas no Brasil, ocorreram no governo de D. Pedro II. O Imperador brasileiro já conhecia o trabalho de Graham Bell, para ensinar surdos a falar, em sua visita a Exposição Universal na Filadélfia, em 1876. Na visita ao *stand* do inventor, o imperador ganhou dois aparelhos, sendo esses, os primeiros telefones a serem instalados no país, em 1877. As primeiras

⁹ DEBUTTS, John D. **O telefone: ontem, hoje e amanhã**. Brasília: TELEBRÁS, 1979. p.3.

¹⁰ MAGALHÃES, Gildo. **Telecomunicações**. IN: VARGAS, Milton (Org.). *História da Técnica e da Tecnologia no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 1994. p.316.

instalações foram feitas do Palácio da Quinta da Boa Vista, a residência de seus ministros¹¹.

No início a implantação do serviço telefônico era para poucos favorecidos:

Os telefones eram instalados apenas para comunicações entre repartições do governo, órgãos militares e corpo de bombeiros, mas logo o próspero comércio na cidade do Rio de Janeiro levou a nova invenção para as lojas e armazéns no porto (indo inclusive até os navios ancorados)¹².

Como podemos observar no trecho acima, os usuários dos serviços oferecidos pelas companhias telefônicas no Brasil, a princípio, não eram diferentes das demais cidades do mundo, as instalações das linhas eram restritas aos órgãos de governo. Sendo os serviços estendidos, em um curto espaço de tempo, para as empresas e uma parcela da população (as elites), que tinham uma certa condição financeira para adquirir os aparelhos e pagar os serviços.

Por volta de 1879, teve início no país a concessão para o processo de instalação da telefonia pública, no Rio de Janeiro e Niterói, "para cidadãos norte-americanos, e já previa um cabo telefônico submarino entre duas cidades¹³", implantados na época do Visconde de Mauá, em 1874. Com a abertura para a concessão, abriu-se o mercado para posterior formação da primeira empresa de telefonia no Brasil, a *Telephone Company of Brazil*, associada a Graham Bell, com sede em Nova York. Mais tarde, em 1883, no Rio de Janeiro, o serviço de telefonia contava com cinco centrais telefônicas urbanas (local) do tipo manual, que funcionavam através do auxílio da telefonista.

¹¹ MAGALHÃES, Gildo. **Telecomunicações**. In: VARGAS, Milton (Org.). História da técnica e da tecnologia no Brasil. São Paulo: Ed. UNESP, 1994. p.317.

¹² Ibid. p. 317.

¹³ Ibid. p. 317.

Na década de 1891, com o fim da Monarquia no Brasil e com a Proclamação da República, a nova Constituição brasileira permitia nos Estados construir suas linhas próprias para telégrafo e seu telefone. Através dessa Lei, os Estados incumbiram as prefeituras de fazer o mesmo. Esse episódio, favoreceu a multiplicação de empresas “locais, sejam nacionais ou estrangeiras, muitas vezes ligadas a outras concessionárias de serviços públicos, (...) de eletricidade¹⁴”. Lembramos que a prática dos referidos procedimentos contrariava o Decreto nº 19883 do Governo Federal de 1931, que exigia uma aprovação previa das concessões.

Em 1907, o Rio Janeiro tinha a maior central telefônica do Brasil, mas um incêndio na Praça Tiradentes, a destruiu. O incidente proporcionou a substituição “dos telefones de magneto por aparelhos de bateria central, capazes de chamar automaticamente a telefonista¹⁵”. O serviço ainda continuou manual, apenas parte da execução foi automatizada.

Por volta de 1922, época do Centenário da Independência, haviam sido instalados no Rio de Janeiro cerca de 30 mil telefones e em São Paulo 22 mil linhas. Nessa época, teve início o serviço de telefonia automática no Brasil. A primeira central telefônica local, utilizando o novo sistema foi instalada na cidade de Porto Alegre. Vale salientar que essa central, foi a quinta a ser instalada no mundo, usando a nova tecnologia.

Ainda na década de 1922, o telefone interligava o Rio de Janeiro a São Paulo através da estrada Central de Ferro do Brasil. Esse fato favorecia as companhias telefônicas da época arrecadarem uma boa quantia do Governo Federal pelo uso do

¹⁴ MAGALHÃES, Gildo. **Telecomunicações**. In: VARGAS, Milton (Org.). História da técnica e da tecnologia no Brasil. São Paulo: Ed. UNESP, 1994. p. 319.

¹⁵ MAGALHÃES, Gildo. **Telecomunicações**. In: VARGAS, Milton (Org.). História da técnica e da tecnologia no Brasil. São Paulo: Ed. UNESP, 1994. p. 319.

serviço. Por fim, em 1939, feito um levantamento do número de telefones instalados no Brasil, constatou-se que no Rio de Janeiro haviam cerca de 99 mil linhas servindo a população.

Não podemos deixar de falar que as linhas para a comunicação interurbanas e internacional, até o final da década de 1930, eram usadas com maior frequência pelas companhias aéreas e redes ferroviárias, sendo essas conexões realizadas com muitas dificuldades devido a falta de qualidade dos serviços.

1.3 A chegada do telefone em Natal

Apesar do serviço telefônico ter sido implantado no Brasil a partir de 1877, em Natal, os primeiros telefones só vieram a ser instalados, no ano de 1911, quando o serviço de energia elétrica foi implantado, pois até então a “iluminação era feita a querosene”. A empresa prestadora do serviço era a Companhia Força e Luz do Nordeste do Brasil, com a matriz em São Paulo, tinha a gerência em Natal sob a responsabilidade do engenheiro João Batista Vasquez¹⁶. A cidade recebeu na época cerca de 110 linhas¹⁷, que funcionavam em um sistema totalmente manual – à manivela. Nele o usuário precisava solicitar o auxílio da telefonista para fazer uma ligação telefônica, e o serviço era ao âmbito local¹⁸.

Nas primeiras décadas de implantação desse serviço, a oferta de telefones, não atendia a população local, já que a maioria dos habitantes não podiam adquirir

¹⁶ PINHEIRO, Fred Sizenando Rossiter. **Breve histórico da telefonia no Rio Grande do Norte.** Natal: Ed.[s.d.] p. 2.

¹⁷ SOUZA, Itamar. **A expansão das telecomunicações.** Diário de Natal. Natal, 20 jun 1999, p.241.

uma linha telefônica, devido ao alto preço dos serviços e dos aparelhos. As instalações das linhas eram restritas, por uma seleção social. Apenas os órgãos do poder público no âmbito federal, estadual e municipal, alguns pontos comerciais e algumas residências de pessoas abastadas, foram beneficiados com a etapa inicial de implantação da telefonia em Natal.

Eis alguns dos órgãos que foram favorecidos com a implantação telefônica no Município de Natal, no período de 1911-1941: Repartições Públicas Federais como a Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional, a sede dos Correios e Telégrafos (Diretoria Regional), a Alfândega de Natal, a Capitania dos Portos, o Serviço de Malária, a Estrada de Ferro Central, a Escola de Aprendizes de Marinheiro, a Inspetoria Regional do Trabalho, entre outras; Repartições Públicas Estaduais como o Palácio da Interventoria, o Tribunal de Apelação, o Departamento de Educação, o Departamento de Segurança, a Delegacia de Polícia Marinha, a Casa de Detenção, a Delegacia de Ordem Social e Investigações, o Quartel da Força da Polícia Estadual, entre outras; Repartições Públicas Municipais como a Prefeitura Municipal, o Cemitério do Alecrim, o Depósito de Inflamáveis, o Mercado da Praça da Cidade, o Mercado da Praça do Alecrim e o Mercado da Praça da Ribeira.

Quanto aos usuários da telefonia no comércio, aparece os nomes de Abel Viana – proprietário de armazém e padaria, os escritórios da *Air France*, Cia., a Companhia Força e Luz do Nordeste do Brasil, o Ateneu Norte-Riograndense, o Bazar das Novidades, o Cartório Judiciário Manoel Procópio 1º, a Urbano Armazéns das Docas e outros.

Em se tratando de residências, os telefones estavam instalados nas casas de Lauro Medeiros, Osvaldo Medeiros, Pedro Nóbrega da Cunha Lima, Dr. Onofre

¹⁸PINHEIRO, Fred Sizenando Rossiter. **Breve histórico da telefonia no Rio Grande do Norte.** Natal: Ed. [s.d.] p. 2.

Lopes, Francisco Gorgônio da Nobrega, Dr. João da Costa Machado, Dr. Milton Ribeiro Dantas, entre outros.

Observa-se que a maior parte dos telefones de Natal até 1941, de acordo com os dados coletados no LIVRO AZUL: Indicador Comercial e Profissional, 1941, eram instalados nos diversos órgãos do governo, em grande parte dos estabelecimentos comerciais dos diversos segmentos existentes na cidade. Os bairros que haviam uma concentração notável desses aparelhos eram os da Ribeira, especialmente nas ruas Dr. Barata, Tavares de Lira, rua Chile, e da Cidade Alta, mais precisamente na avenida Rio Branco e algumas ruas do Alecrim.

Quanto ao funcionamento dos serviços, a execução era realizada através do auxílio da telefonista. Os aparelhos eram do tipo à manivela (manual), sendo os números compostos por três dígitos apenas. Com o referido sistema, não era possível fazer uma ligação direta através das linhas instaladas sem que fosse solicitado o auxílio de uma telefonista.

Para tanto, solicitava-se a ligação a telefonista do aparelho da própria residência ou do estabelecimento comercial beneficiados, e o usuário ficava geralmente aguardando até duas horas para receber o retorno do pedido. No intervalo, entre a solicitação e o recebimento da comunicação, a telefonista, no terminal telefônico, ficava tentando a conexão e a comunicação não era satisfatória; a voz na recepção da ligação era considerada baixa, para ser ouvida, era necessário falar muito alto e algumas vezes até gritar para que o receptor ouvisse; importante ressaltar que nessa época, o tempo de conversação ao telefone, não era cobrado por minuto, e sim pela ligação, ou seja, não importava quanto tempo demorava, mas sim, quantas ligações haviam sido realizadas.

O local de controle das linhas tinha o formato de uma cabine, denominava-se “bastidor”, um espaço semelhante ao de uma cristaleira¹⁹. O tipo de chave de controle do bastidor que ligava e desligava as linhas parecia um interruptor. Cada cabine comportava vários bastidores para certa quantidade de aparelhos, quando era atendida uma das linhas a chave de controle era acionada pela telefonista, impossibilitando a comunicação para outros usuários enquanto o telefone não fosse desligado. Esse serviço, entretanto, não era desenvolvido dessa forma em todo o país, pois já existiam, nessa época, algumas cidades substituindo o sistema à manivela para o sistema automatizado.

Os serviços de telefonia em Natal eram executados pela Companhia Força e Luz Nordeste do Brasil, concessionária de duas subsidiárias estrangeiras, *Americam & Foreign Power*. A concessionária também era responsável por outros serviços básicos na cidade como: a energia elétrica, o transporte coletivo, o bonde e a água. Existia ainda uma outra empresa denominada de Companhia Telegráfica *Great Western*, essa cuidava de ligar Natal a João Pessoa, Recife e Maceió, através do telégrafo. Existiam na cidade “apenas duas linhas externas, uma para a estação de passageiros da *Panair*, na Base Marítima, e outra para as instalações da *Air France*, no Campo de Parnamirim²⁰”, quantidade considerada insuficiente para uma população de aproximadamente 55 mil habitantes, no início da década de 1940.

Os aparelhos telefônicos usados, nessa época, eram de cor preta. Nas residências costumavam ser instalados os aparelhos na sala de visita. Devido ao seu custo e formato, o aparelho confundia-se com um objeto de ornamentação do ambiente. Na época ainda não existia extensão telefônica. Já nas repartições do

¹⁹ Móvel para guardar copos e outros utensílios de cristal.

²⁰ PINTO, Lenine. *Natal, USA*. Natal: Ed. Art Print, 1995. p.76.

governo, os aparelhos telefônicos ficavam nos gabinetes dos governantes, dos militares e no setor de Recursos Humanos²¹.

Sabemos que por volta dos anos de 1940, ainda era pequena a quantidade de linhas instaladas na cidade, em relação ao número de habitantes. Por essa razão, o meio de comunicação mais usado pela população era a correspondência. Assim, uma comunicação entre o Brasil e o exterior, levava em torno de 4 a 5 dias após o envio da correspondência.

O transporte aéreo era feito através do Serviço Aero Condor (cargas, passageiros e correio), com um voo semanal, e o Serviço Aero London-Lufthansa, que divulgava voos regulares, ou domésticos, eram realizados por hidroaviões da Panair, que pousavam ou aquatizavam, no rio Potengi, próximo do cais Tavares de Lira²².

Percebe-se assim que, uma correspondência enviada por meio aéreo ou marítimo demorava muito para chegar ao destino. Em caso de emergência, não era viável o envio por esse meio de comunicação. Esse fato vai ressaltar a grande necessidade do telefone ser considerado pela sociedade local um meio de comunicação imprescindível, devido a sua rapidez, eficiência e sigilo. Logo esse fator despertaria em parte de políticos e de comerciantes a conscientização da necessidade de ampliação da telefonia na cidade, e a implantação de um sistema usando uma tecnologia mais eficiente.

Em 1942, mais precisamente no mês de julho,

O interventor Rafael Fernandes, assinou um importante Decreto Lei que autorizava o governo estadual a alterar o contrato firmado com a Companhia Força e Luz do Nordeste do Brasil, para instalação de telefones

²¹BEZERRA, Luiz G.M. Depoimento, cedido a autora, em 19 de maio de 2004.

²²MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo B. **História do Rio Grande do Norte contemporâneo (1934 – 1990)**. Natal: CDF Gráfica e Editora, 2001. p.24.

automáticos em Natal, num prazo de 12 meses, o Decreto (...) teve a aprovação do Presidente Getúlio Vargas²³.

O referido Decreto autorizando a instalação da nova tecnologia, que já vinha sendo usada no Brasil, viria favorecer a expansão telefônica em Natal, que na época sofria com a precariedade dos serviços telefônicos. O sistema manual apresentava um alto índice de defeitos e a execução dos consertos demoravam. Apesar do serviço ser oferecido a poucos usuários, os que se beneficiavam faziam parte de um grupo de padrão social elevado. Apesar do alto poder aquisitivo dos donos de telefones em Natal, pouco se fez para que resolvesse a melhoria no serviço.

Em 1939, a qualidade do serviço da telefonia em Natal era ultrapassada e sem qualidade, enquanto que nos Estados Unidos da América a comunicação mecanizada que, já não necessitava do auxílio da telefonista, tivera início desde 1892. Esse novo serviço foi introduzido em todo o mundo lentamente, inclusive no Brasil, onde na maioria das cidades ainda permaneceria, por muitos anos, o sistema manual.

Durante os primeiros anos de sua implantação, a comunicação telefônica esteve muito associada ao entretenimento²⁴. Até então, para aqueles que a viam assim, não tinham sido despertados para o objetivo maior do inventor, em atender a serviços vitais da humanidade e as emergências.

Alguns estudiosos demonstraram o papel do telefone como um elemento fundamental para a expansão da economia, da cultura e também de melhorias sociais. De certa forma, podemos fazer um paralelo do serviço de telefonia com o

²³ BEZERRA, Luiz G. M. **Sinopse da TELERN das telecomunicações no Rio Grande Do Norte.** Natal: [s.n.], 1985. P.78.

²⁴ BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2004. p.153.

serviço do bonde²⁵ (único transporte coletivo da época) em Natal. Em 1930, para exemplificar a referida situação, uma grande parcela da população necessitava do bonde diariamente. O serviço desse meio de transporte coletivo era visto por algumas pessoas como indispensável para o cotidiano do município, levando e trazendo pessoas, auxiliando-as a cumprir com as suas obrigações e seu lazer, conforme recorda Luiz G.M. Bezerra²⁶.

No caso do telefone, a população ainda não havia despertado para as facilidades por ele proporcionadas, não dando o mesmo valor que era dado ao bonde. Alguns aspectos podem ser considerados nessa diferença de valor: a taxa paga pelos usuários do serviço de transporte cabia no seu orçamento, não ocorrendo o mesmo com o telefone, o preço do aparelho era elevado e custo do serviço também. Desse modo, a possibilidade da aquisição e do uso do telefone, passava a ser ignorado por parcela significativa da comunidade natalense.

O serviço de telefonia em Natal, desde a sua implantação até 1943, não sofreria mudanças significativas, ainda era adotada o sistema operacional à manivela. O número de linhas telefônicas ainda continuava sendo bastante reduzido no período da guerra. O serviço de chamada ainda era realizado com o auxílio de três telefonistas: Narcisa Cândida Ferreira (Yayá), Conceição Carneiro e Luiza Araújo (Lulu)²⁷, revezando-se no expediente, que era executado somente durante o dia.

²⁵O bonde, era o único transporte coletivo da cidade na época.

²⁶ Depoimento cedido a autora, em 27 de maio de 2004.

²⁷ PINTO, Lenine. **Natal, USA**. Natal: Ed. Art Print, 1995. p. 76.

CAPÍTULO 2

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E AS TRANSFORMAÇÕES NA TELEFONIA EM NATAL

2.1 A Segunda Guerra Mundial e as transformações na cidade do Natal

No início da Segunda Guerra Mundial, o Brasil tinha uma posição neutra em relação ao movimento. Diante da resistência do Estado Maior brasileiro, os norte-americanos²⁸, não satisfeitos com a neutralidade brasileira, chegaram a preparar planos de invasão para tomarem a Região Nordeste, caso um acordo diplomático não fosse fechado. Esse fato pressionou o Governo Vargas a assinar um acordo de defesa mútua.

O referido acordo levou o governo a decretar o estado de guerra na região, fato que ocorreu em julho de 1941. Em outubro do mesmo ano deu-se início a construção de uma base naval, no bairro da Ribeira²⁹ e de uma base aérea na região de Parnamirim, na época, área do Município de Natal. As duas bases tinham como objetivo maior, fazer uma escala técnica para o reabastecimento das aeronaves e navios, durante a Segunda Guerra Mundial.

Natal foi uma escolha estratégica para os Estados Unidos montarem uma base militar de apoio. Os aviões precisavam atravessar o Atlântico na sua parte mais estreita, entre Natal, na América, e Dakar, na África. Não era possível fazer essa travessia dos Estados Unidos da América para a África e Europa, sem reabastecer as aeronaves. Para tanto, era necessário a instalação de uma base aérea

²⁸ PEIXOTO, Carlos. **A História de Parnamirim**. Natal: Ed. Z Comunicação, 2003. p.60.

²⁹ A Ribeira nos anos de 1940, era o centro comercial de Natal/RN.

intermediária. A região de Parnamirim foi escolhida para a construção da base aérea que iria assegurar essa travessia militar.

Em 1942, iniciou-se a construção da base naval, antes disso, os hidroaviões norte-americanos e alemães, amerrissavam no rio Potengi. Também teve início nesse mesmo ano a base aérea de Parnamirim, através do Decreto Lei nº 4.142, de 2 de março. Esses fatos levaram a cidade a sofrer uma grande transformação na sua estrutura urbana e no seu contingente populacional.

Não tem-se uma previsão do número exato de pessoas que entraram na cidade, mas estima-se que só de contingente militar, Natal recebeu aproximadamente 10.000 americanos, sem contar com os civis que invadiram a cidade a procura de trabalho. Tal fato causou uma transformação muito grande na urbanização de Natal, que não tinha estrutura para comportar tantos habitantes.

Vale lembrar que até a entrada dos primeiros militares norte-americanos, alguns estudiosos consideravam que “Natal, era uma cidade pequena e de hábitos provincianos³⁰”. A partir de 1941, inicia-se na cidade uma série de transformações. A região de Parnamirim, imediatamente a chegada das forças militares americanas ganhou aparência de uma pequena cidade. Instalou-se igreja, fórum, polícia e cadeia, hospital com aproximadamente 178 leitos, escola, lavanderias, padaria, câmara frigorífica, que comportavam cerca de três mil metros cúbicos de alimentos, anfiteatro, tela para filmes, palco para *shows*, etc., ainda uma grande loja que comercializava muitos objetos como óculos Ray-Ban, relógios, tecidos, perfumes, cigarros, entre outros. Também foi instalada em Parnamirim um engarrafamento da coca-cola (o primeiro do Brasil e o quarto no mundo)³¹. As novidades e seus preços

³⁰ MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo B. **História do Rio Grande do Norte contemporâneo (1934-1990)**. Natal: CDF Gráfica e Editora, 2001. p. 50.

³¹ PINTO, Lenine. **Natal, USA**. Natal: Ed. Art Print, 1995. p. 174.

baixos (menor até que os praticados em Natal), atraíram uma grande parcela da população. pelos seus baixos preços, menor até que os encontrados em Natal.

Dando continuidade a fase de transformação em Natal, foram construídas um grande número de casas para fins militares, nos diversos bairros de Natal como a Ribeira, a Rocas, a Cidade Alta. Especialmente, no Tirol, em Petrópolis e no Alecrim, ergueram-se habitações em alvenaria. Dados estatísticos mostram a expansão urbana da cidade no período da Guerra. Vejamos a produção de casas em Natal entre 1941-1944. Em 1941 foram construídas 325; em 1942 o número de casas caiu para 241; em 1943 houve um grande aumento em relação ao ano anterior, sendo construídas 737 e por fim, em 1944, as construções chegaram a 881, totalizando em quatro anos, 1.584 construções, número significativo para a expansão do Município³².

As construções tinham como objetivo acomodar melhor as tropas da força de guerra da Base Aérea de Parnamirim, considerada a maior base de apoio militar que os norte-americanos vieram a ter, durante a Segunda Guerra Mundial, fora do seu território. A base tinha uma estrutura muito grande, mas não acolhia a todos, sendo necessário encontrar alojamentos a fim de servir o grande contingente de imigrantes que chegavam todo ano a cidade.

Para tanto, iniciou-se a partir das instalações das bases, uma série de transformações em toda Natal. As primeiras destas transformações foram percebidas nas pistas de pouso e manobras do aeroporto. Em relação a pista antiga, uma das novas pistas atingiu o dobro da antiga e a outra o triplo³³. A ampliação

³² CLEMENTINO, Maria do Livramento. **Economia e urbanização: o Rio Grande do Norte nos anos 70**. Natal: Ed. UFRN/CCHLA, 1995. p. 226.

³³ PINTO, Lenine. **Natal, USA**. Natal: Ed. Art Printe, 1995. p.68.

permitia a descida seguida de 250 aviões³⁴. Além disso, as pistas foram equipadas com diversos instrumentos necessários para um funcionamento da base aérea como para as luminárias elétricas (que substituíam o serviço realizado por latinhas com tecidos encharcados de querosene), o balizamento noturno, um forte farol rotativo de lentes luminosas, um sistema de radiofonia para a torre controlar o tráfego através da comunicação com os pilotos, entre outros.

No que se refere as transformações no território, foram abertos uma dúzia de poços artesianos para abastecer as tropas de água potável. Um outro fato que vale ressaltar seria o combustível utilizado para reabastecer as aeronaves, que passava a chegar a Natal para atender as necessidades da guerra. O transporte realizado por via marítima, seguia em comboios da *Grest Western Brazilian* para São José de Mipibu. Após esse trajeto, o combustível era transferido para dois caminhões, que em seguida levavam para os depósitos da base em Parnamirim. Não era possível uma transferência direta para os reservatórios no território, por não haver uma estação ferroviária na época³⁵. Esse tipo de operação precisava de muitos homens para execução, gerando com isso um alto custo operacional.

Havia uma expectativa em função da demanda, quanto ao aumento de combustíveis (gasolina comum e de viação - óleo diesel, lubrificantes e graxas). O abastecimento do combustível era realizado pela *ESSO Standard Oil*, que investiu em Natal aproximadamente 60 milhões de cruzeiros (valor da época), em recursos humanos e materiais, para a implantação de “20Km de encanamento subterrâneo (um gasoduto ou oleoduto), fazendo a ligação direta e imediata, da estação de bombeamento das Rocas aos depósitos de Parnamirim³⁶”.

³⁴ MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo B. **História do Rio Grande do Norte contemporâneo**. Natal: CDF Gráfica e Editora, 2001. p.55.

³⁵ A estação ferroviária de Parnamirim foi inaugurada em 15.09.1943.

³⁶ PINTO, Lenine. Natal, USA, 1995, p.70.

Os norte-americanos não pouparam recursos para preparar na cidade uma infra-estrutura adequada ao esforço de guerra. Uma rodovia pavimentada ligando Natal ao aeroporto foi construída para facilitar a locomoção dos transportes. A pista, como ficou conhecida, ligava a base aérea ao cruzamento da rua Potengi com a praça Pedro Velho.

No tocante a comunicação, as forças militares americanas demonstraram a empresa responsável pela telefonia na cidade, a necessidade de melhorar os serviços. Quando os norte-americanos chegaram a Natal, havia na cidade “apenas duas linhas externas, uma para a estação de passageiros da *Panair*, na Base Marítima, e outra para as instalações da *Air France*, no Campo de Parnamirim³⁷”, quantidade considerada insuficiente para atender aos serviços de comunicação nos tempos de guerra.

Sendo a comunicação, em especial a telefônica, um serviço considerado indispensável à guerra, visto que as necessidades eram muitas, como contactar com as bases aliadas, no exterior, no Brasil e na Região Nordeste, desde que essas foram instaladas; nesse tempo, ainda se precisava recorrer aos estados vizinhos para abastecer os armazéns da cidade com vários alimentos, roupas, entre outros, já a oferta desses produtos existente no município não era suficiente para as novas demandas.

Antes da instalação dos norte-americanos em Natal, as necessidades alimentícias da população do município, eram supridas, em parte, com a produção interna. Sendo, o restante dos alimentos, abastecidos semanalmente, cerca de cinco toneladas de hortaliças, trazidas de trem, de Estados vizinhos. Com a chegada das tropas militares, a quantidade de alimentos não era suficiente para atender a procura. Iniciou-se uma fase de especulação por parte de alguns comerciantes.

Custos foram elevados, especialmente dos produtos alimentícios, além do tolerado pelo governo, dificultando a aquisição das mercadorias por de alguns consumidores como os civis. Esse fato foi atribuído a grande circulação do dólar na cidade, levando alguns comerciantes a explorar a população e os militares, sendo necessário o governo tomar providências punitivas, para normalizar a situação.

Quanto aos suprimentos para os militares, uma grande quantidade de carnes vinha dos Estados Unidos. Para solucionar os problemas com o abastecimento de leite, de frutas, de verduras, foi comprada a Fazenda Milharada, em São Gonçalo. O local foi transformado em “estabelecimento agrícola modelo”, tendo sido instalado até um aviário, para criação de 3.000 galetos.

O segmento de roupas, calçados e outros utensílios, com o aumento da população, também passou a não atender a procura dos produtos. Com isso, foi necessário recorrer a fornecedores de fora do estado, para regularizar o abastecimento do município. Em fim, tudo o que era produzido em Natal, e comprado fora, não era insuficiente para o abastecimento da população, devido ao grande número de pessoas que chegavam na cidade, a procura de trabalho em Parnamirim. Contudo, a situação do comércio, passou por modificações, pois não conseguia manter estoques dos diversos produtos, utilizados pela população, necessitando buscá-los fora do estado e realizar contatos mais freqüentes com fornecedores.

Para tratar dos negócios fora da cidade, os comerciantes gastavam muito tempo e dinheiro, haja visto a ineficácia do serviço telefônico no município. A carência de uma eficiente comunicação telefônica no comércio, obrigavam os proprietários de armazéns a enfrentarem dificuldades para contatar com os fornecedores a fim de agilizarem as compras necessárias.

³⁷ PINTO, Lenine. **Natal, USA**. Natal: Ed. Art Print, 1995. p. 76.

2.2 As transformações na comunicação em Natal e o sistema de telefonia automatizada

Nos órgãos do Governo em Natal, durante a Segunda Guerra Mundial, eram também notórias as necessidades de uma comunicação mais eficiente. Duas linhas telefônicas para comunicação externa eram insuficientes para prestar os serviços requisitados pelos norte-americanos. Frente a esta situação, os americanos, diante da guerra, providenciaram, um ano após a sua chegada à cidade, em 1943, a instalação de uma central telefônica automatizada, que seria a primeira do Estado.

Na época, os equipamentos de telefonia usados no Brasil eram importados. Por causa da guerra não era possível vir uma central do exterior, por essa razão, os próprios americanos compraram e trouxeram diretamente do Rio de Janeiro, uma central automatizada da marca Ericsson, modelo GF-OS. Um equipamento que já estava sendo instalado em algumas grandes cidades brasileiras. A transferência do equipamento deu-se em uma das aeronaves norte-americanos à serviço da guerra.

A central servia 400 aparelhos e 157 extensões³⁸. O investimento em telefonia pelas forças militares norte-americanas, na base aérea, foi tão grande que a quantidade de linhas instaladas era igual à que servia a toda a população da cidade, que era de aproximadamente 55 mil habitantes. O esforço para a substituição da tecnologia deu-se devido a precariedade do sistema existente, que não atendia ao movimento da base de Natal³⁹.

Há controvérsias, entre alguns estudiosos que escrevem sobre a telefonia em Natal, quanto ao número exato de aparelhos telefônicos instalados entre 1939-1943. Talvez devido ao fato de haver poucas fontes tratando deste tema. Todavia, para

³⁸ Segundo Pinto que cita Paulo de Queiroz Duarte.

que não houvesse sombra de dúvida em relação a quantidade das linhas instaladas na cidade, procuramos tomar por base o documento “LIVRO AZUL: Indicador Comercial e Profissional, 1941”, que contém uma espécie de catálogo telefônico, semelhante ao usado nos dias atuais, no qual visualizamos todas as linhas telefônicas existentes em Natal naquele período, totalizando aproximadamente 440 linhas.

Em 1942, conforme já informamos, foi assinado pelo interventor Rafael Fernandes um decreto lei autorizando o Governo Estadual a instalar telefones automatizados, em prazo de doze meses. Esse fato favoreceu a instalação da primeira Central Telefônica automatizada em Natal, em 1943, no Município de Parnamirim, conforme o pleito apresentado pela Força Aérea norte-americana.

Ainda em 1943, o Governo Estadual instalou uma central telefônica em Natal, igual a instalada em Parnamirim e deu início a várias etapas de expansão telefônicas na cidade. Foram instalados, primeiramente, 500 linhas nos diversos segmentos, especialmente nos órgãos do governo. A primeira execução desse processo de expansão da telefonia teve um sentido estratégico em função do novo sistema implantado pelos militares americanos na base aérea, que era estabelecer contatos entre essa base de apoio das forças armadas norte-americanas e as forças militares brasileiras.

As demais expansões com o sistema automatizado ocorreram nos anos de 1945, 1948 e em 1952, de forma planejada e voltada para o atendimento da população em geral. É importante registrar que nas quatro etapas de expansão implantadas nos referidos anos, foram instalados por vez 500 linhas telefônicas. Esse número de linhas representava para o município algo fenomenal. Foi adotado para a telefonia da cidade um sistema operacional de qualidade, e, em um período

³⁹ FERRARI, Antonio Martins. **Ericsson 75 anos de Brasil**. São Paulo: Ed. Érica, 2000. p. 24.

de dez anos, passou de aproximadamente 440 linhas, para 2.000 linhas usando o serviço automatizado.

A implantação da central telefônica automatizada em Natal, favorecia a expansão do município com uma das principais e mais significativas contribuições já vistas na comunicação. O serviço passaria a ser realizado em tempo real e as informações ganhavam maior segurança, facilitando e proporcionando realizar contatos essenciais ao movimento militar durante o conflito mundial.

Esse novo sistema favorecia também a comunicação da população. As ligações deixariam de ser executadas com o auxílio da telefonista, sendo efetivadas diretamente pelos usuários. Nele havia mais segurança (sigilo) e rapidez, pois era diferente do sistema manual, que apresentava fragilidades e não tinha qualidade na conexão entre as linhas. No novo sistema não era mais necessário que o usuário ficasse aguardando que alguém terminasse o contato para ser feito um outro, conforme era comum no sistema anterior.

O cumprimento das exigências das forças armadas, por uma comunicação condizente com o movimento da guerra, por parte do Governo, foi um dos fatos mais relevantes para a expansão da telefonia em Natal.

A chegada da telefonia automatizada através dos norte-americanos, veio favorecer também os civis. Os planos de expansão surgiram após a implantação da central em Parnamirim com o novo serviço. O telefone estava indiretamente ligado ao crescimento urbano da cidade, facilitava os contatos comerciais, encurtando caminhos, proporcionando e auxiliando o comércio que antes usava o correio, ou o telégrafo, que eram formas muito lentas de comunicação, não favorecendo o crescimento dos negócios. Assim, a comunicação telefônica a longa distância passava a ser percebida para outros fins, além do entretenimento. A expansão da

telefonia passava a fazer parte das novas necessidades que a cidade criava com o crescente número de habitantes, devido a guerra.

As necessidades do novo serviço aumentavam gradativamente na cidade, com o surgimento de casas noturnas e novos pontos comerciais. O incremento dos negócios a partir da guerra é descrito nos jornais locais:

O comércio, na verdade atravessa uma fase nunca vista em sua história. Novos estabelecimentos, novas vitrines, inúmeros restaurantes, sorveterias. A Rua Dr. Barata, transformada em artéria civilizada, apresentava movimento de centros adiantados⁴⁰.

Todos esses empreendimentos precisavam usar o telefone para agilizar os negócios. Observa-se assim, que algumas pessoas deixavam de resistir aos benefícios oferecidos pelo telefone.

Era evidente que para o bom funcionamento dos negócios e o contato com fornecedores, o telefone passaria a ter um papel importante, pois o serviço causava um impacto muito grande em todos os segmentos, especialmente na economia. Como foi visto, houve uma rápida expansão telefônica e a implantação de um novo sistema automatizado que proporcionou uma melhor e mais adequada comunicação na cidade.

CAPÍTULO 3

DESMONTE E ESTAGNAÇÃO DA TELEFONIA EM NATAL: o pós-guerra

O município do Natal sofreu durante a guerra um desenvolvimento inesperado nos seus vários segmentos, o progresso chegou a aflorar mais do que em algumas grandes cidades brasileiras.

Em 1940, o crescimento populacional de Natal representa 7,17% da população do Estado. Em 1950, esses números evoluíram para 10,66% apesar da taxa média geométrica de incremento anual da população residente no Estado haver sido de 2,43% e acima da média do Brasil que foi de 2,39%⁴¹.

Destacava-se aqui o crescimento urbano e populacional. Entretanto, com o fim da guerra, viam-se muitas transformações, inclusive mudanças de hábitos culturais. Pessoas que falavam o idioma francês, com o contato estabelecido com os norte-americanos, aprenderam o inglês, língua que após a guerra, passou a ser a linguagem comercial do mundo; as mulheres ganharam uma certa liberdade, inclusive tomando bebidas alcoólicas, “suavizando rum com coca-cola”; os filmes preferidos passaram a ser os americanos; na alimentação passou-se a comer o tomate; nos esportes passou-se a jogar o vôlei e o basquete; as moças passaram a usar os cabelos soltos, fato pouco convencional na cidade, e outros⁴².

Conforme vimos a cidade do Natal, que por volta de 1941 contava com aproximadamente 55.000 habitantes, passou a sofrer uma “invasão” de pessoas

⁴⁰CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. **Economia e urbanização : o Rio Grande do Norte nos anos 70**. Natal: Ed. UFRN/CCHAL, 1995. P.220.

⁴¹ CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. **Economia e urbanização: o Rio Grande do Norte nos anos 70**. Natal: Ed. UFRN/CCHLA, 1995. p.162.

oriundas de cidades próximas a Natal, a procura de trabalho no período da guerra. Em 1943, a população que já era de 85.000, passava em 1950, para 103.000 habitantes, ou seja, o dobro do início da Segunda Guerra Mundial.

Esse número de pessoas inchou a cidade, causando problemas sociais como a falta de emprego, moradia, e ainda o aumento no custo de vida. Os produtos alimentícios, roupas, calçados e outros itens produzidos no pequeno setor industrial do município, não era mais suficiente para atender à demanda da população local, com isso, era necessário recorrer as praças de Recife e de João Pessoa.

Um outro grande problema enfrentado, era que não existia na cidade um frigorífico, para a manutenção de carnes e frios. Devido a falta dos produtos alimentícios citados, no mercado, os americanos compravam os produtos que eram de seu interesse, jogando no mercado uma grande quantidade de dólares. Sendo esse um dos fatores que provocou a elevação dos preços das mercadorias. Outros fatores foram os custos no transporte dos produtos (frete) e às taxas referente a mão-de-obra operacional. Pois, a companhia Força e Luz do Nordeste do Brasil, era isenta dos impostos estaduais e Municipais⁴³.

Essas vantagens, eram algumas, entre as tantas estabelecidas no contrato de prestação de serviço (energia, água, limpeza, transporte e telefonia), com duração de cinquenta anos com exclusividade, e direito de desapropriação, firmado entre companhia e o Estado, em 1929, através da Lei Estadual nº 716⁴⁴.

Em 1944, passado essa etapa de dificuldades, antes do final da guerra, já eram marcantes as transformações na cidade. A primeira a ser percebida foi o início

⁴² MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo B. **História do Rio Grande do Norte contemporâneo**. Natal: CDF Gráfica e Editora, 2001. p.60.

⁴³ PINHEIRO, Fred Sizenando Rossiter. **Breve Histórico da telefonia do Rio Grande do Norte**. Natal: [s. e.], s.d. p.4.

⁴⁴ PINHEIRO, Fred Sizenando Rossiter. **Breve histórico da telefonia do Rio Grande do Norte**. Natal: [s.e.], s. d. p.4.

da suspensão dos serviços da *Pan American*, levando a desativar a Estação de Hidros na Rampa. Após este fato, muitos outros que demonstraram o desmonte da guerra aconteceram. Com o término da guerra, em julho de 1945, teve início de fato, o desmonte de todo o amparado militar estrangeiro. “Mal terminara o fluxo de aeronaves e tropas retornados da África e Europa, Natal transformou-se num dos maiores entrepostos mundiais de venda de aviões usados⁴⁵”. Armamentos foram devolvidos as tropas militares brasileiras e por fim, as bases de apoio técnico, aérea e naval.

Observa-se que durante a Segunda Guerra Mundial, os investimentos foram estratégicos, devido as necessidades temporárias. Contudo, quando teve início o desmonte da guerra, apenas algumas instalações mais importantes permaneceram e passaram a ser usados pelo contingente de militares brasileiros e seus familiares. Algumas dessas instalações foi o Hospital Naval, com o centro cirúrgico e enfermaria totalmente equipados; um outro de igual importância foi o Hospital da Base Aérea em Parnamirim, ambos em funcionamento até os dias atuais.

Em 1946, a cidade contava com uma estrutura notável, graças às fáceis comercializações e os lucros obtidos durante a guerra. Os avanços proporcionados nos tempos da guerra, despertaram em parcela da população a necessidade por alguns eletrodomésticos e tecnologias, usadas pelos norte-americanos, para facilitar o cotidiano. Alguns segmentos de atividades econômicas tiveram uma fase de estagnação, devido a vários fatores, entre esses a saída das tropas americanas da cidade e a queda da circulação do dinheiro (o cruzeiro e o dólar) dos combatentes.

Após 1945, com o término da guerra, aos poucos Natal, que ficou conhecida por milhões de americanos, e reconhecida como a mais importante da região nordestina, foi caindo no esquecimento. A cidade em alguns setores continuou

⁴⁵ PINTO, Lenine. **Natal, USA**. Natal: Ed. Art Print, 1995. p.193.

crescendo, mesmo que em algumas situações de modo desordenado como no comercial e no imobiliário, passando uma imagem de um progresso impulsivo e temporário.

Assim também, foi o avanço no setor da telefonia, como já foi visto. Nele já havia sido planejada a expansão, durante a guerra, em 1943, tendo continuidade na implantação dos telefones, até alguns anos após o fim da guerra. Após o último plano de expansão, em 1952, houve um intervalo de tempo sem incrementos e continuidade no avanço telefônico. A expansão desse serviço seguiu à passos lentos até os anos de 1960, época da fundação das Telecomunicações do Rio Grande do Norte -TELERN.

Um fato que chamou a nossa atenção nessa pesquisa foi a falta de registro de alguns dos recursos usados no período da guerra. O serviço de telefonia usado para servir as Forças Armadas americanas é um exemplo disso. Por ocasião da guerra, sabemos que a telefonia automatizada foi implantada em Natal, fato registrado no capítulo anterior. Com o término da guerra, observa-se que os serviços telefônicos haviam sofrido uma expansão grandiosa, mas sobre o desenvolvimento posterior, pouco se sabe.

Tomamos conhecimento da continuidade do serviço da telefonia em Natal através de depoimento de um funcionário da empresa Armado Campelo e Gentil Ltda., que atuava no setor de seguro pessoal, Sr. Luiz G. M. Bezerra, a referida empresa era uma das responsáveis pela construção dos alojamentos para as tropas militares na região de Parnamirim. Vale ressaltar que, o funcionário citado, foi posteriormente Presidente da Companhia Telefônica do Estado -TELERN.

Segundo Luiz G. M. Bezerra, com o fim da guerra, alguns segmentos econômicos passaram por um período de estagnação. A Companhia Força e Luz do

Nordeste do Brasil, responsável pela implantação do novo sistema de telefonia em Natal, que até 1945, havia instalado dois planos de expansão das linhas, deu continuidade nos anos seguintes (1948 e 1952) ao seu plano de expansão, implantando mais 1000 linhas na cidade, sendo quinhentas linhas por vez.

A expansão da telefonia em Natal, por parte da Companhia Força e Luz do Nordeste do Brasil, levou a empresa a mostrar as fragilidades do sistema que cada vez mais desfavorecia ao bom andamento dos seus serviços. A empresa apresentava na época enormes dificuldades quanto à cobrança dos serviços prestados aos usuários. O pagamento era cobrado de casa em casa, através dos funcionários da referida empresa.

Com a ampliação do número de telefones no município, esse processo de cobrança favorecia a inadimplência por parte dos usuários dos serviços (telefone, energia, água, bonde e gelo), levando a Companhia a passar por sérias dificuldades financeiras, causando uma precariedade cada vez maior na qualidade dos serviços.

O sistema de cobrança tornava-se inoperante, pois precisava ampliar o número de cobradores, mas devido as dificuldades financeiras não era possível novas contratações. A Força e Luz continuou oferecendo esses serviços ao município até os anos de 1960, pois o seu contrato com o Estado era de cinquenta anos. A partir de 1963, foram fundadas a TELERN, além da COSERN, COSERN, Secretaria de Serviços Urbanos e outros.

Por volta de 1948, surgiu em Natal, uma prestadora de serviço telefônico público, que provavelmente, seria o primeiro desse tipo no Estado do Rio Grande do Norte. O serviço foi implantado pelo senhor Luiz de Castro Cortes, na Banca de Revista ZEPÉLIM, que também funcionava como bar e lanchonete.

A ZEPELIM localizava-se na esquina da Avenida Rio Branco com a rua João Pessoa, na Cidade Alta. Os serviços oferecidos eram: ligação mediante uma pequena taxa e informações diversas através do telefone sem custos adicionais. Com passar do tempo outros serviços foram oferecidos pela ZEPELIM como: fornecimento de gás, querosene, remédio, gasolina, peças ou reboque para carros, etc., podendo todos esses serviços serem solicitados através do telefone⁴⁶.

A ampliação dos serviços foi muito importante para a comunidade. Porém, causava mais dificuldades a operadora de telefonia, a Força e Luz, que além da função de administrar o novo sistema adotado e os referidos serviços, ainda tinha sob a sua responsabilidade, a execução do serviço de transporte coletivo (o bonde), a distribuição de água e energia, e o abastecimento de gelo.

Esses fatos levaram a empresa cada vez mais, a comprometer a qualidade dos serviços oferecidos pela mesma, devido ao restrito número de cobradores, para realizar todas as cobranças. Esse fato gerava muita inadimplência, levando a empresa a ficar impossibilitada de contratar mais cobradores e aumentar os salários dos mesmos. Contudo, a Companhia não conseguia melhorar o nível dos serviços no decorrer dos anos seguintes, essa falta de qualidade geraria muita insatisfação por parte dos usuários. Pois, até a recuperação dos aparelhos telefônicos não era realizada à contento.

Dessa forma, observa-se que com o fim da Segunda Guerra Mundial, as transformações ocorridas nos vários segmentos da cidade, provocaram, por um lado, a expansão da telefonia que vai até 1952 e por outro, observa-se uma precariedade na qualidade desse serviço prestado a comunidade. Esta estagnação foi superada a partir de 1963, com a criação da TELERN e o desmembramento dos

⁴⁶ BEZERRA, Luiz G. B. **Sinopse a TELERN e das telecomunicações no Rio Grande do Norte.** Natal: [s.n.], 1995. p. 79.

serviços urbanos (água, energia, gás e telefone), dando início a uma nova fase desses serviços no desenvolvimento da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca de algumas considerações sobre o tema tratado neste estudo, observamos que desde o seu invento, o telefone não sofreu modificações efetivas, uma vez que veicula a voz de forma codificada através de um par de fios elétricos. O seu funcionamento se dava de uma forma derivada do princípio do telégrafo, inventado anteriormente ao telefone, aproximadamente 30 anos.

Constata-se que por volta de 1939, a comunicação via telefone atravessava os oceanos através de cabos submarinos – cabos esses que foram pensados para a comunicação do telégrafo, desta forma a mensagem recebida ou enviada não chegava ao destino em tempo real, devido a má qualidade da transmissão da voz.

Todavia, observa-se que, após o invento, a comunicação telefônica ganhou o mundo, sendo instalada em órgãos públicos, residências, escritórios, favorecendo as pessoas em todas as partes do mundo, a resolver negócios, assuntos pessoais, emergências, entre outros.

Foi verificado que no Brasil, o Imperador D. Pedro II, com o seu pensamento progressista, foi responsável pela instalação das primeiras linhas telefônicas, em 1877, no Rio de Janeiro. Fato esse, que viria posteriormente a favorecer a implantação de telefones em diversas cidades brasileiras.

Observamos também que com a implantação telefônica no Brasil a comunicação realizada através do telefone ganhou os diversos segmentos, público e privado, facilitando a expansão econômica, cultural e social.

Em Natal, o serviço de telefonia foi implantado em 1911, na época, tendo sido a cidade contemplada com aproximadamente 110 linhas, após isso, o processo de ampliação foi lento até 1941, chegando a aproximadamente 440 linhas. Foi

observado ainda, que os serviços telefônicos até a chegada dos norte-americanos, em 1943, eram de péssima qualidade, devido ao tipo de sistema utilizado (à manivela), e que o serviço de telefonia na época, não atendia a todas as classes, apenas uma pequena parcela da população: os órgãos públicos, alguns pontos comerciais e algumas residências de pessoas abastadas, se beneficiavam com os serviços.

Percebemos, que a implantação telefônica não era vista inicialmente por algumas pessoas como um serviço essencial, importante para o bom andamento do progresso, por diversos fatores, eis alguns: o alto preço dos aparelhos e dos serviços oferecidos em algumas cidades brasileiras, na fase de implantação. Esses fatores, influenciaram e proporcionaram no processo de expansão da telefonia, um lento avanço. Como assim também, um certa resistência por parte de prováveis usuários, em potencial do serviço de telefonia.

Constatamos também que em Natal, como nas outras cidades brasileiras, até 1943, os telefones tinham como maiores usuários, os órgãos públicos, os comerciantes e por últimos algumas residências de pessoas da classe burguesa. O fator principal dessa seleção de usuários era o custo dos aparelhos e dos serviços, considerados muito elevados, portanto, não acessível à todas as classes sociais.

Observamos que, em 1942, com a implantação do esforço norte-americano de guerra, em Natal, o serviço telefônico existente na cidade não atendia as necessidades, nem condizia com o movimento militar. Esse talvez, tenha sido o principal fator que levou a implantação de uma nova tecnologia, melhorando e transformando comunicação na cidade.

Em 1943, por exigência das forças armadas norte-americanas, foi instalada a primeira central telefônica automatizada em Natal, e que juntamente com o

equipamento foram instalados na base aérea cerca de 400 linhas e 157 extensões, para servir apenas aos militares. Sendo esses números igual aos instalados em Natal, até então, para a população de 85.000 habitantes.

A cidade sofreu inúmeras transformações no período da guerra. A economia e a vida das pessoas, após o fim da Segunda Guerra Mundial, não voltou a ser mais as mesmas. A população em 1945, era de 103.000 habitantes, foi implantado na cidade o mesmo sistema automatizado, que havia sido implantado na base aérea, em Parnamirim; Estradas asfaltadas ligando a base ao centro de Natal; o comércio expandiu, inesperadamente com lucros fáceis deixados pelos combatentes; na região de Parnamirim foram instalados diversos pontos comerciais, casas de lazer e uma empresa da coca-cola. Produtos estrangeiros, trazidos pelos americanos, passaram a ser negociados.

Muitos hábitos de influência americana foram adquiridos pela população local, em contato com os norte-americanos, inclusive nos hábitos alimentares, transformando a cultura do nosso povo, que até os dias atuais, ainda percebemos.

As transformações ocorridas na telefonia de Natal, no período da guerra podem ser consideradas extraordinárias, pois num período de trinta e um anos (1911-1942), no município, haviam sido instalados aproximadamente 440 linhas. Enquanto que, no período de em nove anos (1943-1952), foram instalados aproximadamente 2400 linhas telefônicas, computando as instalações de Natal e da base aérea no período.

Percebi que com o fim da guerra, alguns segmentos continuaram expandindo, como o setor imobiliário. No segmento da comunicação, a telefonia, após 1945, duas expansões telefone ocorreram, em 1948 e 1952, ficando paralisado este setor até os anos de 1960, quando foram retomadas as expansões.

Apesar de todas as constatações da valiosa contribuição do serviço de telefonia na expansão da cidade, algumas fontes que imaginávamos encontrar bastantes informações, infelizmente. Não encontramos, foi o caso do Museu da Base Aérea de Parnamirim, que pensei conter um rico banco de dados, foi uma decepção. Lá não havia nada, apenas fotografias das passagens comemorativa e uma sucata de um aparelho telefônico usado na época, na cor preta, sem disco e sem nenhuma identificação. Só nos restou lamentar por essa falta de registro da nossa memória, sobre uma questão tão importante para a história.

Ao finalizarmos essa etapa desse trabalho, mostramos que comunicação via telefone, é vista como um meio de comunicação rápida, segura e eficiente e ainda, o sistema de telefonia encurta caminhos, proporcionando facilidades em todos os segmentos. Nas últimas décadas, os progressos na telefonia são visíveis com a diminuição do tempo de recepção da voz, na ligação internacional, graças ao novo sistema utilizado para a comunicação, o satélite; também não são mais usados os cabos submarinos, provocando uma queda no custo do serviço telefônico. Não é possível imaginar uma sociedade atual, sem um serviço de comunicação telefônica.

Em todo o mundo existem atualmente aproximadamente 1000 companhias telefônicas independentes e interligadas fornecendo serviços de telecomunicações, tornando possível, a inúmeras pessoas se comunicarem e desempenharem as várias atividades essenciais à vida dos habitantes que participam do progresso.

O serviço de telefonia automatizada só foi disseminado nas companhias telefônicas do Brasil, após os anos de 1960. Contudo, houve um aumento no volume dos dados transportados e a telefonia sofreu uma considerável melhoria na qualidade dos serviços oferecidos.

No decorrer do desenvolvimento desse trabalho, percebi, como são grandes aqueles que deixam-se envolver por temas que não fazem parte dos seus estudos favoritos, mas que conseguem ao término desenvolver satisfatoriamente.

BIBIOGRAFIA

BEZERRA, Luiz G. M. **Sinopse Da Telern E Das Telecomunicações Do Rio Grande Do Norte, Telern 1963 – 1985**. Natal [s.n.], 1985.

BRIGGS, Asa; Peter Burker. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CLARKE, Arthur C.; DERTOUZOS, Michael L.; HALLE, Morris.; POOL, Ithiel de Sola.; WIESNER, Jerome B. **O telefone: ontem, hoje e amanhã**. Brasília: TELEBRÁS, 1979.

CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. **Economia e urbanização: o Rio Grande do Norte nos anos 70**. Natal: Ed. UFRN/CCHLA, 1995.

DE FLEUR, Melvin L.; BALL ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahan, 1993.

FERRARI, Antonio Martins. **ERICSSON 75 anos de Brasil (1924-1999)**. São Paulo: Ed. Érica, 2000.

LIVRO AZUL. **Indicador Comercial Profissional**. Recife: Diário da manhã S.A, 1941.

MAGALHÃES, Gildo. **Telecomunicações**. In: VARGAS, Milton (Org.). **História da técnica e da tecnologia no Brasil**. São Paulo: Ed. UNESP, 1994.

MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão. **História do Rio Grande do Norte contemporânea (1934-1990)**. Natal: CDF Gráfica e Editora, 2001.

MORAIS, Marcus Cesar Cavalcanti de. **Retrato narrado da Cidade do Natal**. Natal: Sergraf, 1999.

PEIXOTO, Carlos. **A história de Parnamirim**. Natal: Z Comunicação, 2003.

PINHEIRO, Fred Sizenando Rossiter. **Breve Histórico da telefonia do Rio Grande do Norte**. Natal: [s. n.], s.d.

PINTO, Lenine. **Natal, USA – II Guerra Mundial: a participação do Brasil no teatro de operações do Atlântico Sul**. Natal: Ed. Art Print, 1995.

SMITH JÚNIOR, Clyde. **Trampolim para a vitória: os americanos em Natal-RN/Brasil durante a Segunda Guerra Mundial**. Natal: Ed. EDUFRN, 1992.

SOUZA, Itamar de. **O RN NA GUERRA FRIA: INÍCIO DO DESENVOLVIMENTO**. Natal: Ed. O Diário, 1999.